

# Globethics Repository



## A criação: uma «montée laborieuse» [The creation: a "montée laborieuse"]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

|               |                                                                                                   |
|---------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Item Type     | Article                                                                                           |
| Authors       | Gómez de Souza, Luiz Alberto                                                                      |
| Publisher     | EATWOT's International Theological Commission                                                     |
| Rights        | With permission of the license/copyright holder                                                   |
| Download date | 2026-07-13 15:49:44                                                                               |
| Link to Item  | <a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/223186">http://hdl.handle.net/20.500.12424/223186</a> |



# A criação: uma «montée laborieuse»: Teilhard visto da América Latina

Luiz Alberto Gómez DE SOUZA

Rio de Janeiro, Brasil

A dificuldade do pensamento de Teilhard de Chardin chegar à América Latina pode ser exemplificada por um fato. Alceu Amoroso Lima foi, durante anos, o leigo católico mais importante do Brasil. Desde 1919, escrevia crítica literária, com o pseudônimo de Tristão de Ataíde. Em 1928, depois de dez anos de correspondência com outro leigo, Jackson de Figueiredo, converteu-se ao catolicismo. Ele seria nomeado, mais adiante, presidente nacional da Ação Católica recém-criada. Vindo da direita, a leitura de Jacques Maritain e de G. K. Chesterton o faria mudar sua posição ideológica. Foi no tempo da guerra civil espanhola (1936-1939), quando Maritain, Georges Bernanos e François Mauriac denunciaram a “cruzada” de Franco. Jacques Maritain exerceu grande influência na América Latina, recebendo violentos ataques dos setores integristas. O filósofo neo-tomista, com seu *Humanismo Integral* de 1936, pregaria uma “nova cristandade” e a necessidade de desenhar um ideal histórico. Vai influenciar na criação de partidos democrata-cristãos no Chile e na Venezuela. No Brasil, Amoroso Lima seria seu principal discípulo.

Naquele tempo, eram importantes os diretores espirituais. O de Amoroso Lima, por muitos anos, foi o jesuíta Leonel Franca, que fundaria a Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nesse tempo, antes de 1948, ano da morte do Padre Franca, Alceu recebera da esposa do embaixador do Brasil na China, um exemplar datilografado do que seria o *Milieu Divin*; era um texto de um jesuíta desconhecido que fazia trabalho de paleontologia naquele país e que era confessor da embaixadora. Ao lê-lo, Alceu ficou tão impressionado com a dimensão espiritual daquele manuscrito, que o levou a seu diretor espiritual. Este carregou consigo o original e não o devolveu nem deu explicações. Nunca apareceu nos documentos do Padre Franca. Isso mostra a força, hoje para nós difícil de entender, do poder que exercia um sacerdote confessor sobre um leigo da envergadura de Amoroso Lima.<sup>1</sup>

Foi impossível publicar, em vida, a obra de Teilhard, morto em Nova Iorque em 1955. Isto só se realizou, a partir desse ano, com a criação de uma comissão de *Haut Patronage*, que incluía a rainha Marie-José da Bélgica, e dois comitês, um científico e outro geral, com intelectuais e cientistas renomados como o príncipe Luís de Broglie, o historiador Arnold Toynbee, Gaston Bachelard e o presidente do Senegal Léopold Senghor. Foram os anos difíceis do pontificado de Pio XII que, com a encíclica *Humani Generis* (1950), bloqueou a produção teológica. O grande amigo de Teilhard, o também jesuíta Henri de Lubac, foi obrigado a guardar silêncio, viu retirado da circulação seu livro *Surnaturel* e só em 1962, com os novos ares do concílio que então se iniciava, conseguiu publicar *La pensée religieuse de Teilhard de Chardin*.<sup>2</sup> Começaram então a ser editadas pelas *Éditions du Seuil*, as obras de Teilhard, causando grande impacto. Logo chegaram à América Latina. O primeiro volume, *Le Phénomène Humain*, foi lançado no mesmo ano de sua morte. Tenho um exemplar bem manuseado, que comprei em janeiro de 1959.

É interessante ver a transformação, nesses anos, do pensamento de Alceu Amoroso Lima. Começou a tomar, dolorosamente, distância de Maritain com seu pessimista *Le paysan de la Garonne* e se aproximou de Teilhard: “A minha mania da lei da perfectibilidade, como fundamental no universo, encontra um eco profundo no evolucionismo espiritualista de Teilhard de Chardin”.<sup>3</sup>

Em carta de 22 de fevereiro de 1963 indicava: “Vou ver se termino o segundo Teilhard que trouxe. O outro – Milieu Divin – já acabei... Essa leitura tem naturalmente ajeitado minhas posições, confirmando umas, sugerindo outras e contradizendo algumas, o que exige uma readaptação de certos pontos, sempre penosa”. E vai falar de uma “desarrumação intelectual e rearrumação a que me está obrigando a leitura completa de Teilhard...”.<sup>4</sup> Afinal, pôde ter em mãos a edição impressa do texto que lera anos antes e que lhe fora subtraído pelas censura eclesíastica.

Em 17 de janeiro de 1964, dirá que Teilhard “é mil vezes mais audacioso que Maritain”.<sup>5</sup> E, mais adiante, já em 1965: “É um problema que vem me perseguindo há muito, há pelo menos dois anos, desde que li melhor Teilhard. O que me apaixonou neste não foi sua ciência, nem por estar na moda... Foi por ser otimista e acreditar no futuro. Creio ser este o ponto crucial de meu teilhardismo”.<sup>6</sup> Volta ao tema: “E se, em 1928, eram Chesterton e Maritain as duas janelas que se abriam para que eu respirasse mais à vontade e encontrasse, por essa vibração deliciosa, o caminho da Casa – hoje são Merton e Teilhard que me abrem novas janelas para arejar a casa, a Casa onde João XXIII abriu tantas janelas...”.<sup>7</sup> Em outra carta, de maio de 1966: “Teilhard é o homem da eternidade no fim

dos tempos – modernos ou antigos - ... o homem da eternidade como chave de ouro do tempo”.<sup>8</sup> Publicou um longo artigo, de página inteira, no Diário de Notícias, sobre o pensamento de Teilhard.

No Peru, Gustavo Gutiérrez, em 1968, num pequeno livro, *Fé y compromiso*,<sup>9</sup> vai introduzir o pensamento de Teilhard e de Emmanuel Mounier, quando analisa a relação dialética entre fé e compromisso histórico. Nesse ano, o teólogo peruano proferiu uma célebre palestra, em Chimbote, meses antes da reunião do episcopado latino-americano em Medellín, que seria o primeiro trabalho da nova corrente teológica que surgia, *Hacia una teología de la liberación*.<sup>10</sup> Seu livro clássico, *Teología de la Liberación – Perspectivas*,<sup>11</sup> foi editado em 1971. Ali se pressente a influência de Teilhard.

No Brasil, a Juventude Universitária Católica, a partir de 1959, seria o centro de uma renovação eclesial na prática pastoral. Nesse ano, numa reunião nacional do movimento, o assistente eclesiástico de Recife, Almeri Bezerra, foi buscar em Maritain o conceito de “ideal histórico”, para analisar a realidade brasileira. Em 1960, no Congresso dos dez anos da JUC, os membros de Belo Horizonte prepararam um documento no qual buscavam desenhar uma visão da realidade a partir dessa categoria. Mas essa visão dedutiva, de um ideal que descia à realidade, mostrou logo seus limites. Quem indicou sua fragilidade foi o jesuíta Henrique Claudio de Lima Vaz, certamente o grande filósofo cristão do século passado. Ali ele dirá:

“Prefiro falar de ‘consciência histórica’ e não de ideal histórico concreto”. Na sua concepção, os ideais históricos poderiam ser imobilizados como essências puras, numa “fuga sutil da história real. A consciência histórica de uma determinada época não suscita seus ideais históricos como ‘essências realizáveis’, mas como imagens e modelos de sua essência efetiva, das suas contradições reais, de seu desdobramento concreto. É a análise desse desdobramento que deve orientar as opções lúcidas”.

Para Lima Vaz, “uma consciência histórica surge e se afirma quando uma crítica radical põe em questão todo um mundo de cultura e uma nova ‘imagem do mundo’ começa a ser buscada. A consciência histórica dos tempos modernos nasce quando o cosmos ‘natural’ do homem antigo se desfaz ao impacto da revolução científico-técnica provocada pela criação galileiana da ciência físico-matemática. O homem começa a olhar o mundo de uma maneira nova, um novo tipo de ‘subjetividade’ se manifesta”.<sup>12</sup>

E em outro texto indica a compatibilidade dessa nova orientação com o cristianismo: “Se a edificação da imagem moderna do mundo traz

consigo a liquidação definitiva do ‘cosmos’ natural do homem antigo, ela não elimina, mas antes conserva, transpostos no contexto de uma visão profana, os traços específicos do que constitui uma visão cristã do mundo”.<sup>13</sup>

Essa categoria de “consciência histórica”, de sabor hegeliano, tinha suas raízes, para Padre Vaz, no pensamento de Emmanuel Mounier e de Teilhard de Chardin. Ele vai introduzir esses dois autores aos universitários católicos.

Um texto de Mounier mostra uma nova maneira de ver as coisas, superando uma visão fixista, com significativas e belas metáforas:

“Na aurora dos tempos modernos, o homem europeu saiu de uma espécie de vida uterina, que vivia no interior de um universo fechado sobre si mesmo, como um ovo em seu germe... Um belo dia, o universo antigo... se abriu como um fruto. Galileu, como um jogador de futebol, lançou a terra no espaço; as figuras aritméticas saltaram na pressão do cálculo infinitesimal; o contraponto levou o motivo musical até à fuga e à melodia indefinida; o maquinismo sacudiu as economias de células na direção de uma enorme integral de produção; a lógica quebrou seus círculos de segurança e jogou o pensamento em cadeias de relações que balançaram no desconhecido; logo, a geometria rompeu o espaço euclidiano e se derramou com a física nos hiperespaços. Em todos os lugares, a imobilidade, o equilíbrio, a forma, o limite, a perfeição circular, componentes habituais da ideia de natureza, cederam ao movimento linear, à intensidade prospectiva, ao desenrolar, à abertura indefinida, à série ... o homem moderno, diante da ideia de um destino fixado, que apenas teria de decalcar com aplicação, o substituiu por um destino aberto, lançado à sua frente, em direção ao imprevisível e ao infinito”.<sup>14</sup>

Esse pensamento está muito próximo de Teilhard. Por isso, foi muito fácil ligar esses dois autores. Vejamos um texto de Teilhard. Como ele diria ao final do prólogo do *Fenômeno Humano*, “o Homem, não um centro estático do Mundo – como se acreditou por muito tempo; mas eixo e flecha da Evolução – o que é muito mais belo”.<sup>15</sup>

Mounier entrara na reflexão da JUC uns anos antes. Num Boletim da JUC de 1959 eu traduzira um texto dele, *O temporal, sacramento do Reino de Deus*.<sup>16</sup> Um ano antes, em 1958, como secretário latino-americano da Juventude Estudantil Católica Internacional, encontrei o movimento uruguaio muito ligado ao pensamento de Maritain, com seus “graus de saber”, de cima para baixo. Introduzi as ideias de Mounier e, anos mais tarde, um dirigente daquela época me escreveu: “Tu nos fizestes passar de Maritain a Mounier”.

Em maio de 1962, em Belo Horizonte, nos reunimos um grupo de profissionais, estudantes e sacerdotes, pensando criar um movimento político com novos horizontes. Ali, com a liderança de Herbert José de Souza (Betinho), líder fulgurante de minha geração, desenhamos o “esboço ideológico” de um futuro movimento. Foi eleita uma direção provisória, encarregada de organizar outro encontro para a criação definitiva do movimento. Encarreguei-me de preparar documentos introdutórios. A base deles, na análise histórica, trazia a visão teilhardiana, que nos impactara naqueles anos. No carnaval de 1963, em Salvador, Bahia, cidade festiva, enquanto multidões saíam às ruas para sambar, um grupo de jovens trabalhava sisudamente na criação de um movimento político, que se chamaria *Ação Popular*, com uma opção socialista e uma visão histórica ampla, onde o pensamento de Teilhard estava muito presente. Lia-se na introdução de seu Documento Base:

“A Ação Popular é a expressão de uma geração que traduz em ação revolucionária as opções fundamentais que assumiu como resposta ao desafio de nossa realidade e como decorrência de uma análise realista do processo social brasileiro na hora histórica que nos é dado viver”.<sup>17</sup>

Pouco antes, em 1962, Betinho e eu publicamos um livro, *Cristianismo hoje*, reunindo textos do Padre Vaz, do dominicano Frei Thomas Cardonnel, um manifesto dos estudantes da Universidade Católica do Rio, com uma introdução minha e uma conclusão de Betinho.<sup>18</sup> Na introdução indico:

“A história... caminha animada por Deus que, com a participação dos homens, procura superar as divisões e comunicá-los entre si. E em seu ápice está Jesus de Nazaré, Deus-Homem. As consequências são enormes. Crer na história é negar-lhe o absurdo e descobrir-lhe o sentido, a linha axial da criação para seu ‘ponto ômega’. Descobrir o sentido é construí-lo. Impõe-se assim o compromisso com o real ... O real, para nós, é o Brasil, país subdesenvolvido e explorado... O compromisso é essencialmente com os que estão fora do quadro do poder, com o polo dominado, os pobres e oprimidos. Aqui se reencontra a perspectiva evangélica: o amor de predileção de Jesus era para com os humildes. E indo à consequência lógica de uma tal atitude, a opção será pela transformação radical do Brasil ...”.<sup>19</sup> A influência de Teilhard está clara nas primeiras frases e, a seguir, estão sementes do que, a partir de 1968, seria a teologia da libertação.

Um parágrafo final de um dos artigos de Henrique Vaz, partindo de Mounier, deixa clara também a inspiração teilhardiana:<sup>20</sup> “O pequeno e encolhido medo abriga-se no ancoradouro das tranquilas enseadas do passado, onde os mastros vegetam nas calmarias de todos os confor-

mismos. A coragem lúcida e generosa eleva o gesto largo ao vento dos grandes espaços livres, abrindo no mastro grande a grande vela para a rota da mais alta estrela”.

Há uma atualidade enorme de Teilhard para nós que, na América Latina, depois de derrotas e de tempos escuros no Chile, na Argentina, no Uruguai e os vinte longos anos de ditadura no Brasil (1964-1985), voltamos a ter esperança na construção de uma nova sociedade.

A relevância de Teilhard e de Mounier fica clara na comparação com outros pensamentos.

Muitos viam a realidade predeterminada, com uma direção já implícita e fatalista, a partir de leis da história inelutáveis, especialmente nos determinismos econômicos. Há um marxismo positivista não dialético. Porém do lado marxista, o pensamento de Antonio Gramsci tentava fazer uma leitura histórica e dialética. Suas categorias de sociedade civil, hegemonia, coerção, guerra de posições e guerra de movimento, estavam presentes nas análises da realidade que fazíamos, nos anos setenta, em cursos para dirigentes cristãos. Também estávamos mais à vontade com o pensamento de Rosa de Luxemburgo do que com o de Lênin. Em 1972, no Chile, apresentei, num simpósio internacional, o debate desses dois pensadores, com ênfase no libertário daquela, diante de uma tendência autoritária deste.<sup>21</sup>

Há, no presente, uma moda pós-moderna que nos apresenta uma realidade fraturada e sem direção, com o fim das chamadas grandes narrativas.<sup>22</sup> Ou então uma realidade líquida, ambígua, multiforme e sem eixos.<sup>23</sup> Jürgen Habermas vê aí uma dimensão irracional, com tendências políticas e culturais neoconservadoras.<sup>24</sup>

Entretanto, inclusive uma leitura superficial de Teilhard, vendo uma passagem aparentemente automática da biosfera à noosfera, poderia também parecer mecanicista. Aliás, ele foi considerado por alguns críticos como tendo um pensamento totalitário. Trago adiante sua resposta enfática.

Mas, em 1985, no fim do período militar no Brasil, procurávamos reencontrar autores que foram importantes nos anos sessenta, para uma leitura crítica da realidade. Assim, em São Paulo, nesse ano, realizou-se um encontro internacional, *A caminhada da América Latina rumo à democracia e à libertação*. Preparei um documento preparatório, *Porque redescobrir Teilhard, Mounier e Lebreton na caminhada latino-americana rumo à democracia e à libertação*.<sup>25</sup> Revisitamos esses três autores, que tinham sido decisivos para movimentos cristãos antes do golpe de 1964.

O dominicano padre L-J Lebreton assessorou, a partir de seu Centro *Economia e Humanismo*, governos em muitos países, como Colômbia e

Senegal, na preparação de planos de desenvolvimento. No Brasil fizera importante trabalho de campo em São Paulo, na construção de um plano diretor para aquele estado. A seu lado estavam antigos dirigentes da JUC como Plínio de Arruda Sampaio e Francisco Whitaker Ferreira.<sup>26</sup>

A perspectiva política, na Ação Popular da primeira fase, estivera marcada pelo personalismo comunitário de Emmanuel Mounier, sua opção por um socialismo democrático e uma presença pluralista de cristãos com membros de outras perspectivas.

Para uma visão ampla, cósmica, estava o pensamento de Teilhard. Os três autores se complementavam. Lebreton trabalhava principalmente a realidade imediata da conjuntura, Mounier tratava de dar uma orientação de engajamento – neologismo muito usado naquele tempo – com a relação entre Fé e política, que não se confundia numa perigosa e ambígua democracia cristã, mas numa Fé que iluminava as opções políticas a partir de seus instrumentos teóricos próprios. Um texto de Mounier era uma bússola para a ação:

“Não é mais aceitável que se afirme revolucionário porque cristão, do que democrata porque cristão, ou monarquista porque cristão... Aqueles de nós que somos cristãos [e ele, Mounier era cristão e socialista] afirmam o direito de tomar livremente compromissos políticos que provêm da razão prática. Não pretendem comprometer aí valores que são por natureza transcendentais ao político”.<sup>27</sup>

Enfim, Teilhard abria os grandes horizontes na perspectiva de uma “longa duração”.<sup>28</sup> Tínhamos vivido anos terríveis e queríamos retomar os sonhos e as esperanças de duas décadas atrás. A imersão numa realidade contraditória e conflitiva, não nos permitiria uma leitura determinista do pensamento de Teilhard. Para nós, que tínhamos criado em 1963 a Ação Popular, a “*montée laborieuse*” era inseparável de uma ação política que deveria enfrentar as tensões concretas na sociedade, entre dominadores e dominados.

Num apêndice do livro, *Hymne de l'Univers*, escrito em 1948, Teilhard vai fazer algumas observações sobre o lugar e a parte do mal num mundo em evolução. Para ele, seria não compreender a visão proposta na sua obra que, em lugar de uma sorte de idílio humano, trazia um “drama cósmico!”.<sup>29</sup> Há aqui um lugar para pensar as contradições e riscos da aventura humana.

Em entrevista que deu em 1951, rebate acusações:

“Pois bem, essa posição estritamente objetiva, mal-entendida, fez nascer e correr sob minhas custas um certo número de lendas... Acima de tudo, eu fui considerado um otimista ou um utópico beat, que sonha com

euforia humana ou com milenarismo confortável. Como se a maturação humana, que os fatos têm o fôlego para anunciar, não se apresentasse, nas minhas perspectivas, não como um repouso, mas até como uma crise de tensão, paga por um imenso rastro de desordens e de sofrimentos: crise totalmente repleta de riscos e, portanto, ainda mais dramática, por causa da enormidade do que está em jogo (o sucesso de um universo, nada menos!)... Ainda mais grave, repete-se que eu seria o profeta de um universo destruidor de valores individuais: porque, a meu ver, o mundo se dirige, experimentalmente, a um estado sintético. Mas, na realidade, a minha grande preocupação sempre foi a de afirmar, em nome dos fatos, que a autêntica união não confunde, mas diferencia, e também que, no caso de seres pensantes e amantes (como o ser humano), longe de mecanizar, personaliza ... eu me encontro, assim como a própria estrutura do meu pensamento científico, nos antípodas tanto de um totalitarismo social que leva ao formigueiro, quanto de um panteísmo hinduizante que busca saída e a figura última do espiritual na direção de uma identificação dos seres com um fundo comum subjacente à variedade dos eventos e das coisas.”<sup>30</sup>

Esse admirável texto, *Hymne de l'Univers*, traz ao final algumas “pensées choisies”. Ali podemos pressentir a presença da entropia, como no pensamento de Ilya Prigogine, na passagem do caos à ordem<sup>31</sup> e o “princípio esperança” de Ernest Bloch, que atrai como um ímã desde o futuro.<sup>32</sup> Para Teilhard, “a grandeza de um rio se compreende em seu estuário, não em sua nascente. O segredo do homem, da mesma maneira, não está em momentos ultrapassados de sua vida embrionária, mas... na natureza espiritual da alma”. Segundo ele, o mundo se constrói, “trabalhosamente (laborieusement), e através e graças à atividade humana, se reúne, emerge e se depura a nova Terra”. E há um lugar, numa história em aberto, para o sofrimento humano: “a totalidade do sofrimento espalhado, a cada instante, por toda a terra, que oceano imenso!... No sofrimento está oculta, com uma intensidade extrema, a força ascendente do Mundo”. Lembremos que ele escreve, a partir de sua experiência numa China explorada pelas potências ocidentais e pelo Japão, num tempo em que se preparam os horrores da segunda guerra mundial. Por isso, não se pode afirmar sua indiferença diante das tensões na realidade humana, ainda que isso nem sempre esteja claramente explícito. E para nós, latino-americanos, numa região de grandes desigualdades, uma visão idílica nos seria intolerável.

No texto citado atrás, ele faz a pergunta: “A vida é um caminho ou um “impasse” (beco sem saída)?” E vem o sentido do compromisso com o real: “O que me apaixona na vida é poder colaborar com uma obra, com

uma realidade mais duradoura do que eu mesmo... Então, quem não vê o drama possível de uma humanidade que perderia repentinamente o gosto de seu destino?... teríamos uma dificuldade em justificar, em nosso espírito, a presença de indivíduos dolorosamente limitados em suas possibilidades e em seu desenvolvimento. Por que esta gratuita desigualdade e estas gratuitas restrições?... O mundo, visto experimentalmente, em nossa escala, é uma imensa sondagem, uma imensa busca, um imenso ataque: os progressos não podem se fazer senão ao preço de muitos insucessos e de muitas feridas". E lança a esperança: "Que os homens, tornando-se mais conscientes e mais fortes, se reúnam em organizações... onde a vida, melhor utilizada, tenha um rendimento de cento por um. Aqui nos encontramos em nossas lutas, nossas decepções, nossas derrotas e nossos êxitos".<sup>33</sup>

Há, entretanto, em sua obra, uma perspectiva etnocêntrica, curiosa para quem viveu tantos anos no oriente e descobriu a riqueza de sua espiritualidade e a milenar cultura chinesa. "Neste ponto de nossa investigação, seria falsificar os fatos pelos sentimentos, para não reconhecer que, durante os tempos históricos, é pelo Ocidente que passou o eixo principal da Antropogênese... todos os povos, para permanecerem humanos... são levados a se colocar as esperanças e os problemas da Terra moderna, nos mesmos termos em que chegou a formulá-los o Ocidente".<sup>34</sup> Para uma forte crítica a essa visão, ver o grande ensaísta palestino Edward W. Said, para quem essa concepção histórica é uma forma do ocidente manter sua dominação.<sup>35</sup> Mas não esqueçamos que Marx e Freud também caíram no mesmo etnocentrismo.

Teilhard está próximo da atual reflexão holista, com um paradigma nascente no pensamento contemporâneo, com uma totalidade aberta à aventura.<sup>36</sup> E na base, para Teilhard, está o amor: "Só o amor... –é um fato de uma experiência quotidiana– é capaz de completar os seres, enquanto seres, fazendo com que se encontrem".<sup>37</sup>

Há o que Teilhard chama uma "montée humaine", na direção de um ponto ômega, uma "recapitulação", em termos paulinos (Efésios 1,10). Onde temos um papel central, enquanto seres que pensam e agem. Lembro Pascal: "O homem é um caniço, o mais fraco da natureza; mas é um caniço pensante". E aí está sua força. Pensante e atuante, eu completaria. Para nós, que vivemos esperanças, derrotas e êxitos, na América Latina, o pensamento de Teilhard nos coloca numa longa caminhada – termo muito usado entre cristãos– na construção de utopias concretas.<sup>38</sup>

O grande poeta nicaraguense, Ernesto Cardenal vai visitar Teilhard em seu transbordante Cântico Cósmico.<sup>39</sup>

*“Del caos a la inteligencia cósmica.  
La dirección de la evolución no se desvia...  
Colectividad armonizada de conciencias,  
o superconciencia de Chardin.  
El planeta com uma sola envoltura pensante.  
La pluralidad de reflexiones individuales  
en una sola reflexión unánime a escala sideral...  
O planetización (outra vez Chardin)...  
Hominización”.*

Um poeta brasileiro, Murilo Mendes, que está sendo redescoberto, traz ao final de um de seus livros um aforismo: “O homem é um ser futuro. Um dia seremos visíveis”.<sup>40</sup>

## Notas

- <sup>1</sup> Alceu Amoroso Lima se correspondia diariamente com sua filha, monja beneditina. Esta conseguia decifrar a letra praticamente ilegível do escritor e, em 2003, publicou cartas de julho de 1958 a dezembro de 1968, editadas como *Cartas do pai. De Alceu Amoroso Lima para sua filha madre Maria Teresa*, Instituto Moreira Salles, 2003. Ali, em carta de 19 de fevereiro de 1964, narra esse fato (p. 331).
- <sup>2</sup> Ambos livros publicados pela editora Aubier, em 1946 e 1962. *Surnaturel* foi afinal republicado por Desclée de Brower, em 1991.
- <sup>3</sup> A. A. Lima, *op.cit.*, carta de 5 de fevereiro de 1963, p. 261..
- <sup>4</sup> Id. *Ibidem*, p. 263.
- <sup>5</sup> Id. *ibidem* p. 315.
- <sup>6</sup> Id. *Ibidem* p. 505.
- <sup>7</sup> Id. *Ibidem* p.529
- <sup>8</sup> Id. *Ibidem* p. 537.
- <sup>9</sup> Centro de Documentação do Secretariado MIEC-JECI, Montevideu, movimentos internacionais de estudantes católicos.
- <sup>10</sup> Também do Secretariado Miec-Jeci, publicado sem revisão do autor.
- <sup>11</sup> Editora CEP, de Lima, Peru, que publicaria suas obras.
- <sup>12</sup> Henrique C. de Lima Vaz, “Consciência cristã e responsabilidade histórica”, in Luiz Alberto Gómez de Souza e Herbert José de Souza, *Cristianismo Hoje*, Ed. Universitária, 1962, pp. 71-72.
- <sup>13</sup> Henrique C. de Lima Vaz, *Cristianismo e consciência histórica*, sem editora, 1963.
- <sup>14</sup> Emmanuel Mounier, “La petite peur du XXème siècle” (1949), in *Oeuvres*, Vol. III, Seuil, 1961, p. 354.

- 15 Teilhard de Chardin, *Le Phénomène Humain*, Seuil, 1955, p. 30.
- 16 JUC, Boletim Nacional nº 5, 1959. O texto foi extraído de *Feu la chrétienté*, Seuil, 1950.
- 17 Para o texto completo, ver em Luiz Gonzaga de Souza Lima, *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*, Vozes, 1979. O movimento Ação Popular não chegava a ser um partido político. De sabor personalista, era original no meio das esquerdas de então e hegemônico entre os universitários. A partir de 1964, com o golpe de estado, teve de entrar na clandestinidade. Sofrerá uma influência do pensamento de Louis Althusser e, logo depois, do maoísmo, já como AP Marxista-leninista, perdendo totalmente a característica inicial. Deixei o movimento em 1967 e Betinho no começo dos anos 70.
- 18 Já citado antes. Publicado pela Editora Universitária, da União Nacional dos Estudantes, em 1962. Uma nova edição, em 1964, foi quase toda destruída no incêndio da UNE, no dia do golpe, 1º de abril de 1964.
- 19 *Cristianismo hoje*, op. cit., pp. 12-13.
- 20 Henrique C. de Lima Vaz, "O cristianismo na direção axial da história, do pequeno mundo antigo à aventura cósmica", in *Cristianismo Hoje*, p. 87. Direção axial se liga diretamente ao pensamento de Teilhard.
- 21 "Partido e classe social: o debate Lênin – Rosa de Luxemburgo", Seminário Internacional "O estado e o direito num período de transformação", Santiago do Chile, janeiro de 19743, meses antes do golpe militar. Publicado em L. A. Gómez de Souza, *Classes populares e Igreja nos caminhos da história*, Vozes, 1982.
- 22 François Lyotard, *A condição pós-moderna*, Loyola, 1993; Zygmunt Bauman, *Posmodernity and its discontents*, Polity Press, Cambridge, 1997.
- 23 Zygmunt Bauman, *A modernidade líquida*, Jorge Zahar Ed., 2001.
- 24 Jürgen Habermas, *Discurso filosófico da modernidade*, Martins Fontes, 2000.
- 25 Publicado por IEE-PUC, São Paulo, 1985, em três línguas.
- 26 Plínio de Arruda Sampaio, exilado no Chile, trabalhou em programas de reforma agrária; seria fundador do Partido dos Trabalhadores, do qual sairia para um outro partido, o PSOL, onde foi, inclusive, candidato a presidente da República em 2006. Francisco Whitaker Ferreira foi um dos criadores dos Foruns Sociais Mundiais, o primeiro realizado em Porto Alegre em 2001; também Secretário Geral da Comissão Justiça e Paz da Conferência dos Bispos do Brasil.
- 27 Emmanuel Mounier, "Feu la chrétienté", *Oeuvres*, vol III, Seuil, p. 534.
- 28 Tomo a ideia da reflexão de Fernand Braudel, "Le temps du monde", in *Civilization matérielle, économie et capitalisme, XVe-VIIIe siècle*, vol. III, Armand Colin, 1979.
- 29 Teilhard de Chardin, *Le phénomène humain*, Seuil, 1955, pp. 345-346.
- 30 Entrevista a *Les Nouvelles Littéraires*, janeiro de 1951: "Nem utópico beat nem milenarista".
- 31 Ilya Prigogina, *Order out of chaos*, W. H. Freeman Co., 1980.,
- 32 Ernst Bloh, *O Princípio Esperança*, Contraponto, 2006.
- 33 Teilhard de Chardin, *Hymne de l'Univers*, Seuil, 1961, pp. 81/82, 99/100, 112, 115, 122.
- 34 Id. Ibidem, p. 117.
- 35 Edward W. Said, *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*, Companhia de Bolso, 2007.

- 36** Ver Fritjof Capra, *O tã da física. Um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*, Ed. Cultrix, 1985. Leonardo Boff, *Ecologia, mundialização, espiritualidade*, Ática, 1994; idem, *A voz do arco-iris. O novo paradigma emergente*, Ática 2000. Mark Hathaway e Leonardo Boff, *O Tao da libertação*, Vozes, 2012.
- 37** Teilhard, op, cit. p.157.
- 38** Luiz Alberto Gómez de Souza, *A utopia surgindo no meio de nós*, Mauad, 2003.
- 39** Esneeto Cardenal, *Cântico Cósmico*, Editorial Nueva Nicaragua, 1989, pp. 131-132.
- 40** Murilo Mendes, *O discípulo de Emaús*, Agir, 1945.